

Redacção, Administração e Tipografia
ALCANTARA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
 LISBOA—PORTUGAL
 TELEFONE 539 TRINDADE
 Oficinas de Impressão e Estereotipia
 RUA DA ATALAIA, 114 e 116
 Este jornal não se publica das segundas-feiras—Não se devolvem os originaes—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2389

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

TERÇA FEIRA, 14 DE SETEMBRO DE 1923

Despertemos para a actividade sindical!

Escrevem-nos alguns camaradas aplaudindo a orientação de *A Batalha* em face da situação em que se encontra a Organização Operária. E nessas cartas—com regosio o constataremos—palpita um grande entusiasmo pelo ressurgimento da antiga força do proletariado que não desapareceu, mas que se encontra simplesmente adormecida.

Mas para despertar as energias adormecidas é preciso que haja da parte de alguns, dos militantes de todas as classes, uma boa vontade inquebrantável.

Já um dia destes falámos da necessidade de se lançar mãos a uma grande obra de propaganda associativa junto das massas trabalhadoras. A ocasião é propícia. A situação dolorosa que o proletariado atravessa leva-o mais facilmente à compreensão das injustiças sociais de que é vítima. Urge aproveitar o momento, conduzindo o povo trabalhador, mesmo o que se encontra sem trabalho, ao seio dos Sindicatos das indústrias a que pertence.

Convinha, porém, para melhor aproveitamento do esforço a dispendido, que a propaganda fosse metódicamente organizada a fim de atingir o maior número possível de operários.

Tudo esse calor e entusiasmo contido nas cartas das pessoas que nos escrevem devem ser empregados não em aplausos à nossa obra—aplausos que nos regosiam apenas porque demonstram que a nossa campanha não caiu no vácuo—mas em acção produtiva dentro dos Sindicatos ou de outros organismos onde tenham interferência.

Mas não são apenas estes aplausos por escrito que nos demonstram a eficácia dos nossos esforços em insuflar nos camaradas desalentados a energia que o actual momento requiere. É que vamos registando também o regresso ao seio de vários organismos de alguns camaradas que se haviam afastado.

É preciso, porém, que este movimento pró organização operária se apresse quanto antes. A própria existência de *A Batalha* está intimamente ligada a esse movimento de rejuvenescimento.

Economicamente está *A Batalha* dependente da Confederação. E um dos grandes motivos que contribuem para avolumar o transe afilivo por que este jornal está passando é precisamente o estado de enfraquecimento a que a C. G. T. chegou.

Temos de levantar a Confederação, e quanto antes. Este movimento de rejuvenescimento, agora encaetado, terá, estamos certos, as características da bola de neve que rola e aumenta incessantemente. Custam os primeiros passos. Depois, os outros que chegarem para nos coadjuvar hão de encontrar o caminho mais fácil e aplanado, e o trabalho, mais proveitoso, não será tão árduo. Sacrifiquem-se, porém, os primeiros, os que recomecem agora visando apenas por prêmio o bem da Organização, que é o bem do proletariado.

Reaparece hoje "O Rebate"

Após instantes diligências do pessoal do quadro gráfico, que reclamou junto do governo contra os prejuízos que a suspensão do jornal trazia num momento em que a classe dos compositores tipográficos luta com a crise de trabalho, foi permitida a circulação de *O Rebate*, cuja publicação recomeça hoje.

CRISE DE TRABALHO

Compositores Tipográficos

Reuniram-se ontem a comissão nomeada na última assembleia geral, a qual resolveu distribuir listas e manifestos por todas as oficinas, e convidar todos os profissionais desempregados e grevistas de *O Correo da Manhã* a inscreverem-se no sindicato até à próxima quinta-feira, das 18 às 21 horas.

Impressores Tipográficos

A direcção do sindicato profissional tem absoluta necessidade de apurar com brevidade e exactidão qual a extensão da crise de trabalho que a classe vem atravessando, a fim de formular reclamações junto das instâncias oficiais.

Todos os componentes da classe, associados ou não, que se encontrem desempregados ou não trabalhem as semanas completas, devem no seu próprio interesse, inscreverem-se na sede sindical durante a semana que decorre.

Assinem Os mistérios do Povo

A CARESTIA DA VIDA

O mercado 31 de Janeiro ou um mercado para o abastecimento dos ricos

Um diálogo expressivo. — Quem são as damas que tudo pagam. — O preço dos géneros e a luta para a sua posse

—Eu já lhe disse que quero que a senhora me arranje da melhor hortalica. Não é verdade que eu pago tudo quanto você me pede?

—E' verdade, minha senhora. Mas eu hoje não lhe pude arranjar. Só se for a tia Joaquina... Eu hoje não tenho.

—A tia Joaquina já me disse que não tinha...

—Não tem à vista. Mas tem guardado e é só para fregueses como *bocença*.

Este diálogo foi ouvido ontem por um nosso redactor no mercado 31 de Janeiro, quando era maior ali o seu movimento.

Os collocutores eram uma dama *chic*, ricamente vestida, que se fazia acompanhar de uma criada, e uma das vendedeiras do mercado.

O diálogo não mereceria ser trasladado para as colunas dos jornais se elle não traduzisse um dos factores da carestia da vida.

E' elementar que a elevação do preço do produto é sempre precedida da falta desse mesmo produto. Um género está tabelado pelo preço de X. Mas o detentor deseja elevá-lo o preço. A primeira coisa que faz é sonégá-lo. Para quê? Para obrigar a sua procura e motivar lances maiores.

E' o que se deu com a dama a que nos referimos, é o que se dá com todas as damas que vivem espantosamente e a quem não faz diferença pagar por vinte o que a população que trabalha não pode comprar por dez.

Mas quem são essas damas, essas figuras misteriosas que vimos acompanhadas de criaditas nos mercados de géneros?

E' a esposa do *honrado* comerciante da nossa praça. A mulher do *bemquisto* industrial X. A cara metade do cavalheiro que vive da crapula e da fraude legal. São as esposas dos causadores da miséria que para si se patenteia, os autores da fome que por todo o país existe.

Para estas damas não há faltas. As hortalicas são pagas por um preço elevadissimo, os galináceos compram-se por mais vinte do custo, as frutas são adquiridas por quantias exorbitantes.

E quando chega um desgraçado que não tem os proventos dessas damas *chicas*, a discussão violenta toma curso e o insulto não se demora:

—Então ainda você vendeu há pouco aquela senhorita feijão carapato e já para mim não há!

—O' sua atrevida. Você é capaz de dizer que Deus anda amigado. Eu vendi alguma coisa?

E logo a seguir a mesma vendedeira interpela:

—E se vendesse, você tinha alguma coisa com isso? A gente não está aqui para perder...

A venda do feijão foi feita realmente. Mas fez-se em condições a que não podia competir essa pobre mulher que teve a ousadia de censurar a baronesa do carapau que de mãos nas ancas espera as freguesas que lhe segredam aos ouvidos:

—Então o meu pedido?

O mercado 31 de Janeiro é bem o mercado dos ricos. A sua freguesia é, na maioria, composta de gente das avenidas novas que pode pagar tudo quanto a gula das vendedeiras do mercado exija.

A gente do povo que se queira abastecer naquele mercado tem que dispendir enorme verborreia e só traz aquilo que não for procurado pelas tais damas que tudo pagam.

Além do episódio a que se faz menção, no mercado 31 de Janeiro encontramos outros motivos de igual sabor e de iguais tintas.

A luta pela posse dos géneros é intensa. E as suas características não destoam das que já vimos no mercado da Praça da Figueira.

O preço dos géneros também não é inferior. Batatas a \$95, cebolas a \$100, lombardos a \$250, cabeças de nabo a \$50, etc., etc. E do vocabulário das vendedeiras está tudo dito. Pena é que tenhamos que estar em contacto com semelhantes bichas...

Os sindicatos operários começam a manifestar-se ante o problema

Os sindicatos operários começam a manifestar-se ostensivamente contra a carestia da vida. No passado domingo, a Associação de Classe dos Compositores Tipográficos, na sua assembleia geral, depois de se ocupar do assunto aprovou a seguinte moção da autoria do camarada Virgílio Moura Santos:

—Considerando que no momento actual a classe tipográfica está debatendo-se com uma grande crise de trabalho, agravada ainda com a subida brusca dos principais géneros alimentícios;

Considerando que é necessário reagir contra os desmandos dos gananciosos comerciantes, que, aproveitando-se da actual situação política, tentam levar a miséria e a fome a todos os lares dos que trabalham;

Considerando que a Câmara Sindical do Trabalho neste momento vem já estudando os meios de defesa para obstar a tal especulação, e, por isso, devemos preparar-nos para no momento oportuno agir conforme as circunstâncias;

A classe dos compositores tipográficos de Lisboa, reunida em assembleia geral extraordinária, resolve:

1.º Apoiar todas as medidas que possam evitar o roubo descarado dos comerciantes.

2.º Reclamar a quem de direito para que enérgicas medidas sejam postas em prática atinentes a não permitir que os preços dos géneros de 1.ª necessidade sejam elevados.

3.º Actuar por todos os meios ao seu alcance e, conforme deliberações da Câmara Sindical do Trabalho, de modo que a crise de trabalho se não alastre, assim como a fome não invada os lares daqueles cujos salários já mal chegavam para fazer face ao custo da vida.

Em Tires vende-se azeite a 10 escudos!

TIRES, 12.—Está assumindo proporções assustadoras a carestia dos géneros indispensáveis à vida, só explicável pela desmedida ganância dos comerciantes, que a pretexto de que lhes aumentaram um escudo numa arroba logo aumentam esse mesmo escudo em quilo.

Passam-se estes desmandos sem que as autoridades intervenham e com a complacência dos próprios consumidores que tudo consentem.

O pão, até à data, ainda não sofreu aumento, mas ultimamente tem sido de péssima qualidade, intragável.

O que se passa com o azeite é um verdadeiro escândalo, visto que já atingiu o preço de 10800 cada litro. Este preço não se justifica, visto que um tal Bernardo, vendedor ambulante deste género, possui alguns cascos de azeite que adquiriu por preços baixos.

Não seria útil que as autoridades se preocupassem com este assunto?—C.

Edições de "A Sementeira"

Práticas neo-maltusianas..... \$50
 O sentido em que somos anarquistas..... \$30
 A peste religiosa..... \$40
 A Liberdade..... \$50
 A Internacional (música e letra)..... \$30
 Pedidos a A BATALHA ou no Caisdo Sodré, 8?

IMPRENSA

A reunião de ontem

Accedendo ao convite que lhes havia sido feito compareceram ontem, pelas 2,30 da tarde, numa das salas da redacção do *Jornal do Comércio*, os representantes de diversas empresas jornalísticas de Lisboa, para se occuparem de assuntos de interesse para a classe.

Tomaram conhecimento dum officio do sr. Rocha Junior, como presidente da comissão delegada da assembleia magna dos profissionais do jornalismo, realizada na sede do sindicato, enviando a cópia da representação entregue ao governo acerca da actual lei de imprensa.

Como não se podesse tomar deliberação alguma, em razão de não haverem comparecido os representantes de todas as empresas, assentou-se em convocar uma nova reunião, a que se espera compareçam os que faltaram agora, a fim de se tratar não só desse assunto como também do descanso semanal, franquia postal, etc.

Oportunamente publicaremos o aviso para essa nova reunião.

A greve dos operários refinadores de açúcar

Ainda não está próxima de solução a greve dos refinadores de açúcar. Não foi somente a melhoria da sua situação económica que levou aquela classe a lançar-se na luta contra o patronato. O que os operários reclamam é a reposição do salário que auferiam antes do tempo da maior carestia dos géneros; agora, que a vida agrava de custo, os refinadores julgam-se, com muita justiça, credores de melhor paga.

Mas o mais belo motivo desta greve é o protesto contra o mau fabrico de um género de consumo que o público paga caro. O açúcar não é, afinal, refinado, mas moído, adicionando-lhe os industriais toda a espécie de impurezas como zarcão, anil, anilina, e outros ingredientes. Isto mesmo provocaram os refinadores ao ministro da agricultura com a apresentação de amostras.

Como não fosse bastante este envenenamento da população, ainda são misturados ratos, como se verificou, por exemplo, numa saca de açúcar pilfe que, com o n.º 49, foi recebida em casa do sr. José Luis da Costa, dizendo-se que o açúcar era de procedência alemã.

Os industriais têm um desprezo criminoso pela saúde do consumidor, não cumprindo o alvará que regula a fabricação e refinação de açúcares. Não querem os operários refinadores de açúcar assumir responsabilidades de cúmplices, por isso não hesitam em acusar os patrões que adulteram o produto e o vendem ao público pelo preço do refinado.

São fabulosos os lucros da prefensa refinação de um açúcar que é simplesmente moído. Por cada quilograma levam os industriais 35 centavos, quando a despesa não vai além de um centavo a centavo e meio pela moagem e, em cinco toneladas, mais um centavo de energia eléctrica. Para se acreditar que o açúcar era refinado seria necessário verificar-se se o produto é derretido, filtrado e purificado e, por fim, refinado. E é este processo que se não usa desde o período da guerra...

NA GUINÉ

A existência dos deportados favoravelmente apreciada

pelo delegado do Procurador da República em Bolama numa entrevista concedida a um jornal da tarde

O dr. sr. José de Barros da Rocha Carneiro, delegado do Procurador da República em Bolama (Guiné), referiu ao *Jornal A Tarde* alguns aspectos da vida dos deportados. Da imparcialidade das declarações feitas pode julgar-se nas seguintes palavras que são atribuídas, logo de comêço, ao entrevistado:

—Eu sou legitimista e católico... Discordo, portanto, das ideias avançadas... Mas manda a verdade que se diga...

O entrevistado refere primeiramente o porte de dois dos deportados:

—Joaquim António Pereira, o *Bela-Kun* e Artur Pinho Alonso, o *Espanhol da Fonte Santa*, foram, dos deportados, os dois com quem mais vezes falei e tratei. Quer um, quer outro, tem um comportamento digno de louvor. São considerados por toda a gente como pessoas respeitadoras e trabalhadoras e são ali muito estimados. Por vezes, ao falar com eles, eu fiquei surpreendido com a lianeza do seu trato e mais: com a ferverilha fama que eles tinham e que eu só posso atribuir a más companhias, dado que o seu procedimento em nada deixa prever a ferocidade que lhes atribuíam...

Joaquim António Pereira, refere o dr. Rocha Carneiro, trabalha como encadernador na Imprensa Nacional, trabalhando mais do que as 8 horas, sendo um admirável artefacto e usando a sua etiqueta — *Joaquim António Pereira, Bela-Kun* — nas capas dos livros que encaderna. O juiz entrevistado refere um pormenor curioso:

—Para que se possa fazer uma ideia de quanto elle trabalha, basta dizer que o Estado, segundo me informaram, já lhe devê de 18 a 30 contos... O *Bela-Kun* nunca fala de politica e só uma vez, com certa tristeza, disse-me: «E' possível que entre nós haja algum sclerado: mas o doloroso é que se faça acreditar ao publico que são bandidos certos homens de ideias avançadas».

O comportamento do operário Pinho Alonso também mereceu elogiosas referências do dr. Rocha Carneiro, que declarou: —Esse entrega-se à profissão de estudante e é também muito estimado. Vi alguns dos seus trabalhos, que não ficam atrás dos melhores que se fazem na metrópole. Veste com bastante elegancia e queixa-se de que a policia o perseguiu sempre injustamente e que a ela deve a alchuna, que elle repudia, de *Espanhol da Fonte Santa*.

A franqueza do magistrado de Bolama ainda se revela na seguinte passagem da entrevista:

—Aos outros não conheci pessoalmente. Sei, porém, porque todas as pessoas assim o dizem e porque nada se podia fazer ali de anormal que a justiça não soubesse, que eles são pessoas ordeiras, trabalhadoras, e que nunca se embriagam. Creio que a única accusação que a alguns d'elles se pode fazer, durante a sua permanencia ali, é a de terem tentado evadir-se...

Creemos que a evasão de um prisioneiro não é feito que repugne. E a entrevista fecha com a seguinte informação:

—Antigamente os deportados viviam numa dependencia do quartel local, embora sem toque de recolher e de levantar; depois, como aquele compartimento fosse cedido para um cinema, o Estado alugou-lhes uma casa, onde elles agora residem, com inteira liberdade. E eis o que, a traços largos e imparcialmente, lhe posso dizer sobre os deportados da Guiné.

Notas & Comentários

Os projectos

Afinal, não ouvimos senão falar em projectos que vão em breve ser realizados, mas não vimos nada de positivo. Fala-se na edificação no Parque Eduardo VII de um centro de diversões maravilhoso, da demolição de parte da rua da Palma para prolongá-la até ao Rossio, da nova pavimentação de estradas e abertura de outras vias de comunicação. Mas nada se vê por enquanto. Há tantos braços á espera de trabalho, porque se não lhes dá que fazer imediatamente?

O caso da cocaína

Parece que, naquele caso, a que tivemos occasião de nos referir, em que D. Júlia Mesquita de Carvalho Borges falsificava a assinatura do marido, dr. Drumond Borges, a fim de obter cocaína que tomava com assiduidade, existem certas complicações que devem ser deslindadas. Segundo nos informam, o marido tinha conhecimento da falsificação há muito tempo e o expediente de mandar prender os ajudantes de farmácia que forneciam o veneno da moda operava-se para ilibar os verdadeiros culpados: aquela senhora que o tomava e o marido que o consentia.

INSTRUÇÃO

Novo ano lectivo

Estão, desde já, abertas as novas matrículas para as aulas de instrução primaria, diurna e nocturna, na escola da Associação do Registo Civil, cuja abertura far-se-há no dia 6 do próximo mês de Outubro.

As condições das matrículas estão patentes, na sede da associação, todos os dias úteis, das 21 às 23 horas.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 38 desta revista intitulada *El drama de un amor vulgar*, de J. Rodriguez Aragón. — Preço, \$50. — Pedidos á administração de *A Batalha*.

1922-1925

Ainda a celeberrima sindicância à policia

Recordam-se "caluniosas" acusações contra funcionários "inocentes"

O dr. sr. Pinto Garção, juiz de direito, publicou ultimamente o relatório da sindicância aos serviços das policias de investigação criminal e da segurança pública — daquela celeberrima sindicância que durou três anos e da qual, segundo parece, se provou no fim que não era uma sindicância, ao mesmo tempo que, segundo nos consta, era um inquérito — inquérito que, pelos vistos, não é pior nem melhor de que inquéritos e sindicâncias que se têm feito destinados principalmente a inutilizar a impunidade de todos os que só estavam inocentes... de boas acções por nunca as terem praticado.

Fique, pois, assente que todos os accusados estavam e estão e continuarão estando, mesmo até ao ano 3000, *inocentes* e *inocentes* *inocentissimos* de todos os delictos apontados. Mas, para que o leitor avalie da maneira vil como foram *caluniosos* alguns — cerca de 22 — funcionários da policia, vamos transcrever as acusações contra elles formuladas.

Comecemos pelas do ex-director da Policia de Investigação Criminal dr. José António dos Reis Júnior:

Logo de entrada numerosas testemunhas declararam-nos incompetente desonesto e destituído de qualidades para o cargo que exercia. A seguir affirmam que só depois das 14 horas apparecia no serviço e que frequentemente o abandonava para ir a casa da amante Eleonora de Abreu, ocasionando com isso a demora nos processos e o prolongamento da detenção nos infectos calabouços do Governo Civil de muitos presos.

A sindicância refere-se também a circunstancia de apparecer diante do publico em pijama e de tocar harmonium (o chamado piano de cavalariça) no seu gabinete.

Igualmente numerosas testemunhas declararam que a sua amante Eleonora de Abreu se insinuava no seu serviço, remexendo os processos e batendo no amante e ser por elle soada, frequentissimamente; accusam-nos também de receber meretrices e entre ellas uma conhecida pela alchuna de «Lidia da Facada» que o tratava por tu e conseguia d'elle a libertação immediata de vários malandris.

UMA CAMPANHA TRIUNFANTE

Os ferroviários do Sul e Sueste tinham razão em reclamar a exploração da mina de Santa Suzana

Pela representação entregue ao sr. ministro do Comércio, pelo engenheiro sr. Soares Branco, sobre a linha férrea Alcácer-Casa Branca, salientando a sua importância, devido, principalmente, ao incremento que a companhia concessionária da Mina de Santa Suzana vai dar à extracção do seu carvão, necessitando, por isso, de «muitos milhares» de vagões anualmente, verifica-se a razão que assistia aos ferroviários do Sul e Sueste, quando da sua campanha em 1920, fazendo interessar nela a opinião pública, exigindo, do governo de então, a sua exploração immediata a fim de atenuar a grande crise que se atravessava e o esgotamento das locomotivas, que com graves prejuizos para tudo e para todos estavam sendo alimentadas a lenha.

Foi devido a essa campanha que, em 25 de Agosto de 1920, foi publicada uma portaria anulando a concessão da mina à empresa Manuel Vicente Ribeiro & C.ª, a não explorava, passando para a posse do Estado, a fim de iniciar os trabalhos de exploração e atenuar a grave crise.

Fez-se estudar a linha Alcácer-Casa Branca e os cinco aparelhos do Sul e Sueste nesse serviço empregados desenvolveram dum forma extenuante, mas digna, esse trabalho em quinze dias.

Em virtude de tudo isto e do apoio governativo, no início da questão, esperava-se que seguidamente se iniciassem os trabalhos da exploração da mina de Santa Suzana e da construção da linha que havia de conduzir aquele mineral, uma das riquezas nacionais abandonadas.

Interesses superiores aos do Estado se opuzeram à realização de tais trabalhos e o capitalismo *patriótico*, esquecendo, como sempre, a sua pátria, quando os interesses dos seus cofres estão em jogo, mais uma vez, com escândalo, levou de vencida aqueles que, representando o poder, chamando-se governo, se curvaram perante o Deus-milhão. E não faltaram técnicos, a sôdo do capital, a declararem que o mineral era de péssima qualidade e o seu volume quasi nullo, não chegando para pagamento das despesas com a compra da maquinaria necessária para a sua extracção.

O capitalismo ferido nos seus interesses, que sempre sobrepõe a tudo e a todos, venceu os seus representantes no Estado mas não venceu os ferroviários do Sul e Sueste, que muito bem sabiam o caminho que trilhavam e a razão que lhes assistia. Constatou-se em seguida ás razões aludidas pelo Capital, por intermedio de técnicos generosamente pagos ou que d'elle faziam parte, e por *conveniencia* do Estado, ser entregue novamente a mina de Santa Suzana, aos seus antigos concessionários, sem attenção alguma pelo publico e muito menos por aqueles que, com o seu esforço, contribuíram em prol d'uma causa que ao País economicamente interessava, e, demais, naquele período em que a importação d'aquelle combustível era difficil, fazendo-se, em virtude do excessivo uso da lenha nas locomotivas, a carestia do carvão vegetal, que bastante afectava a economia de todos os lares.

Mas houve por bem o governo, em aten-

Ainda outras accusações, por certo *caluniosas*:

Haver consentido que os agentes Gouveia, José Augusto e Duarte Agostinho de Oliveira, quando da detenção dos arguidos da morte do doutor Pedro de Matos, agredissem estes, chegando a puxar os testiculos a um deles e pôem-se em pé sobre a barreira de outro. Encarregou o agente João Ribeiro da investigação de um atropelamento, praticado pelo «chauffeur» na pessoa de Caridade da Silva Gonçalves, ordenando-lhe toda a urgencia por estar informado de que tinha sido um desastre. Este, ouvidas as testemunhas, informou verbalmente o arguido de que as três testemunhas tinham presenciado o facto, mas duas dessas três não sabiam se havia culpa da parte do «chauffeur» e o excesso de velocidade. E o arguido dr. Reis Junior deu-lhe ordem para informar a fim-de o «chauffeur» ser solto. Assim se procedeu, e como a irmã da vítima se viesse queixar ao arguido, este mandou de novo investigar e castigou o agente João Ribeiro com trinta dias de suspensão sem vencimentos, reduzindo a pena a cinco dias a pedido do adjunto dr. Paiva Lereño a quem foi dado conhecimento do caso;

Prestar informações falsas de caracter official;

Não dar o destino legal ao dinheiro proveniente dos leilões, não documentando a importância de 378\$18,5 e fazendo lançar a escrituração do processo dos leilões por forma a ser impossivel verificar-se a exacta applicação das verbas provenientes dos mesmos leilões;

Haver prendido o agente José Rodrigues da Cruz arbitrária e ilegalmente e havê-lo mandado soltar pouco depois de informado pelo chefe Murtinheira;

Por causa da investigação de um furto na ouiveria da rua dos Figueiros haver recebido como gratificação uma abotoadura com brilhantes;

Ter indevidamente recebido da Policia de Segurança a quantia de 300\$00.

Este mundo está cheio de caluniosos, não é verdade, leitor?

A'manhã referiremos as accusações *caluniosas* é, claro, feitas a outros funcionários policiaes...

ção ao Capital e só para bem deste, desinteressando-se do bem colectivo, proceder da forma como procedeu: a menos administrativa.

Decorridos precisamente seis anos, apparece um engenheiro a constatar a razão de que estávamos possuídos e a reclamar, tal como nós, a construção da linha Alcácer-Casa Branca, porque esse *trôpo* representa uma riqueza nacional porque só para a condução do carvão da mina de Santa Suzana são necessários muitos milhares de vagões anualmente.

Acaba esse engenheiro, com a sua representação, de fazer justiça ás boas intenções dos ferroviários do Sul e Sueste, ao levantarem tal campanha, e de passar o atestado devido e merecido áqueles que, por seu interesse, em prejuizo da comunidade, atacaram tal iniciativa, deprimindo-a, com intuitos criminosos de ganancia.

E' necessário que os governos, representantes da burguesia, daqueles que por todas as formas só pensam em esbulhar os que trabalham, se convençam de que os *indefectíveis* do Sul e Sueste quando fazem uma campanha, é sempre baseada na certeza da justiça que lhes assiste e não por mero *sport* de se salientarem. Só tem um fim e que é um principio: o bem da humanidade, combatendo os seus exploradores.

Em todas as campanhas, a que os ferroviários do Sul e Sueste, têm metido ombros, sempre a razão dessas campanhas triunfa, apesar do combate que se lhes move nesse momento.

A' campanha que se vai iniciar sobre o arrendamento das linhas férreas do Estado, devidamente baseada e ponderada, nos há-de também ser feita justiça, senão agora, daqui a meia duzia de anos, como acaba de succeder com a mina de carvão de Santa Suzana e linha Alcácer-Casa Branca.

Disso estamos plenamente convencidos e não será necessário viver-se muito para a tal se assistir.

J. N. MADEIRA

Secção Telegráfica

C. G. T.

União dos Sindicatos de Faro. — Segue officio.

Federações

METALÚRGICA

União Sindicatos de Evora. — Segue officio.

Sindicato Metalúrgico da Marinha Grande. — Segue officio; pedimos urgencia na resposta.

Sindicato Metalúrgico de Oihão. —

Confirma-se o velho aforismo: "Num lado põe-se o ramo, no outro vende-se o vinho"

A propósito de certos casos misteriosos que se passam numa fábrica de linhas

PORTO, 12. — É costume dizer-se, em gíria popular, que o ramo se põe de um lado e o vinho se vende do outro. Este plebeísmo conceito pode-se mercadamente aplicar ao que recentemente se desenrola na discutida fábrica de Cravel — porque a fábrica de carrinhos de algodão da britânica firma Clark & C.ª ainda continua magestosa na sua ereção monumental.

Sem mais redundâncias preambulares, vamos justificar a razão aplicativa do nosso mítico dito.

Já aqui dissemos atrás que o pessoal masculino de Cravel é rigorosamente revistado à saída das suas respectivas secções — e tão escrupulosamente apalpado, que até, por vezes, as partes baixas correm o risco de ser amolgadas e de ter de sujeitar-se a qualquer cura de ferimento...

Os exagerados zelos dos inclementes apalpadores não têm encontrado coisa alguma de comprometer-se constantemente de que, apesar de toda a gente honrada, o seu capote lhe vai faltando, isto é: de que da fábrica vão desaparecendo objectos...

E dá-se então este caso: o pessoal que é apertadissimamente revistado é o que está a agitar com as famas, embora o proveito esteja a ser usufruído misteriosamente por criaturas da confiança da fábrica...

Para exemplo, e visto que isto constitui um interessante subsídio para a engraçada história da fábrica de Cravel, contemos estes singelos pormenores:

No dia 9 do corrente, um indivíduo estranho à fábrica encontrou, numa taberna de Santo Ovídio, 6 carrinhos de algodão metidos na caixa do contador do gás. Esse mesmo indivíduo fez, por intermédio da sua companheira que trabalhava na fábrica, com que os referidos carrinhos voltassem à sua procedência: a operária, que é a encarregada da secção dos torcedores, entregou-os à gerência. Imediatamente contou que iam ser despedidos uns tantos operários, principalmente aqueles que refeiçoavam na cidade taberna, como convientes no roubo...

Mas como no tal tascão só lá comia um operário, este foi chamado e interrogado. Provada a sua inocência, foi para o seu serviço e não foi despedido ninguém.

O caso, porém, é que fez intrigar muita gente. E assim, as operárias que trabalham nos carrinhos resolveram, antes de saírem, contá-los nos taboleiros, a ver se alguém lá mexia de noite, às escondidas...

E então deu-se este fenómeno curioso: no dia 10 as operárias despareceram às 18 horas, deixando tudo arrumado e contádo. No dia seguinte de manhã, quando entraram pelas oito horas, verificaram que os carrinhos tinham engolido dos taboleiros 13 carrinhos — número aziago que descobre a ponta do fio à meada.

Também seria o pessoal, competentemente revistado na véspera, que fez desaparecer os carrinhos? Já lá de noite, quando a fábrica é vigiada por guardas internos com o seu respectivo chefe?

Radicou-se então no íntimo do pessoal a crença de que o escamoteio é praticado por quem possui as chaves da secção dos carrinhos, possivelmente por um certo indivíduo de destaque e um outro aspirante ao lugar, porque a qualquer hora podem entrar na referida secção. Aquele superior, que a gerência se quis poder dar com ele, era um simples trabalhador antes da última greve da fábrica de Cravel. Mas como nesse movimento traíu os seus camaradas, apesar de ter também votado a greve, como aliciou traidores para fazer sobressair a causa justa por que lutou heróicamente...

Uma boa parte do pessoal, devido ao que ficam na rua dezenas de operários — os representantes de Clark & C.ª, deram-lhe uma recompensa chefiante, lugar a que há muito suspirava... Ora como esta busca tem assim um precedente tão bom, o pessoal igualmente supõe — porque estes tipos são capazes de tudo — que os carrinhos encontrados na taberna de Santo Ovídio fossem mandados lá colocar pelo tal, a fim de provocar vítimas inocentes e desviar as culpas que lhe possam com mais propriedade caber... Sim, porque aquele caso de faltarem treze carrinhos de noite, quando o pessoal lá não estava, é eloquentíssimo...

Está a razão porque o vinho se vende numa parte e o ramo se coloca na outra. Já está o motivo porque o pessoal é escrupulosamente revistado todos os dias, tão estupidamente que até se chega a amachucar aquela parte sensível e granular do homem...

Mas Cravel lá persiste erecta no seu terreno murado...

TELEFONE N. 5474

ÀS 21 HORAS

Aves de Arribação

Drama em 8 partes, extracto da famosa peça de MAURICE DONNAY e LUCIEN DESCAVES. "OISEAUX DE PASSAGE", com FRANCE DHEILA e LUCIEN DALSACE

MARIPOSAS DE MUSIC-HALL

Alta comédia em 6 partes, com Dorothy Devore, Luisa Fazenda e William Louis

Uma ciné-Farça

Revista de actualidades

Imprevidência fatal

Quando era examinada uma pistola foi morto, num espingardeiro da rua da Betesga, um operário que ali fora pedir trabalho

O nosso informador dos hospitais enviou-nos ontem a seguinte notícia:

"No estabelecimento de espingardeiro do sr. Silva, na rua da Betesga, quando ontem de manhã era examinada uma pistola que ali havia sido mandada concertar por João Pereira, de 26 anos, natural de Lisboa, correio, residente na Quinta do Monchique, aos Caminhos de Ferro, a arma disparou-se, indo o projectil alojar-se no lado esquerdo do peito do Pereira. Transportado imediatamente ao Hospital de S. José, faleceu no Banco, momentos depois dali ter dado entrada. O cadáver foi removido para a Casa Mortuária do mesmo hospital.

A noite procuraram-nos na redacção deste jornal os srs. Abílio Faria Coelho, Manuel de Almeida Campos, Condição Moreira, Rozendo José Domingos, Carlos Mata e Agostinho Chaval para nos dizer que o Pereira, ao contrário do que se diz na informação do hospital, não foi vítima da sua imprevidência, mas sim da imprevidência do gerente do espingardeiro quando este examinava uma pistola. E explicaram assim o trágico incidente.

O João Pereira, na qualidade de correio da casa, dirigiu-se ontem ao estabelecimento de espingardeiro do sr. Silva em procura de trabalho.

Por facilidade, na mesma ocasião entrou um freguês que lá buscava uma pistola que ali fora a reparar. A arma foi-lhe entregue e o freguês depois de a examinar meteu-lhe o carregador e entregou-a ao gerente da casa e solicitou-lhe:

— Experimente agora!

O referido gerente, inadvertidamente, deu ao gatilho e um tiro partiu indo atingir em pleno peito o Pereira que horas depois veio a morrer no Banco do Hospital de São José.

"Educação Social"

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redacção e administração — Empresa Literária Fluminense, Limit. — R. dos Retiros, 125 — LISBOA

A venda na administração de "A Batalha"

Leiam o Suplemento de A BATALHA

SALVADOR BARATA, L. DA

Fabricantes das alviadas marca "Gaivota" e únicos depositários do "PO RODRIGUES".

AGENTES: Nôrmano Augusto Duarte, rua dr. Sousa Viterbo, 110 — Porto; José Gões Viterbo & C.ª — Funchal, Madraça; Centro Comercial de Drogas, 1, 80a, Praça do Comércio, 27, 1.ª — Coimbra.

A VENDA em todas as DROGARIAS, MERCERIAS e LOJAS DE FERRAGENS

LUTA DE CLASSES

Os manipuladores de pão ocupam-se da crise de trabalho, da carestia da vida e do trabalho diurno

No passado domingo, reuniram-se em assembleia geral, em número de trezentos, os manipuladores de pão, na sede do seu sindicato profissional, Presidência Manuel Gomes e secretariaram Domingos Gonçalves e Abel Lopes.

Lido o expediente, que constava de duas cartas de José Abrantes Castanheira e de uma de José Marques Teixeira, ambos presos no Forte do Monsanto, e de um ofício da Bolsa Agrícola sobre o trabalho diurno, falou o camarada Borges Gamboa que se manifestou contra os detractores da organização, contra aqueles que pretendem arruinar o sindicato dos manipuladores de pão.

Referiu-se a seguir o orador à carestia da vida e à crise de trabalho, afirmando que o sindicato depois de dissipar os mal entendidos que há no seu seio saberá enfrentar todas as arremetidas dos industriais.

Falando sobre o trabalho diurno nas padarias, Gamboa disse que o ofício da Bolsa Agrícola foi inspirado por um grupo de industriais e não pelo presidente daquela instituição.

O trabalho diurno, prosseguiu, é já um facto em França, na Bélgica, na Espanha, em Inglaterra e nas duas Américas. Em Portugal sê-lo-há também dentro em breve, ou decretado pelo governo ou reivindicado pelos manipuladores de pão.

A seguir o orador verbera em termos energéticos a atitude do presidente da assembleia geral da Associação dos industriais de Padaria por ele ainda há de defender o trabalho diurno que hoje condena.

Examinando o procedimento dos industriais que se valeram das dissidências da classe para reduzir os salários, protesta contra esse procedimento e acusa os indivíduos que não fortaleceram o sindicato de terem dado motivo a essa redução.

O orador depois de condenar a ordem de suspensão dada às caixas das indústrias apresenta a seguinte proposta:

"Proponho para que seja enviado um telegrama ao governo de protesto contra a carestia da vida, que se está acentuando hora a hora e contra a baixa de salários que estão fazendo os industriais de padaria a esta classe.

Mais resolve protestar contra as entidades competentes por não terem ainda pôsto em execução o trabalho diurno na indústria de panificação.

As terminas as suas considerações, Borges Gamboa protesta contra a ausência dos vendedores ambulantes, manifesta-se de acordo com a nomeação das comissões por áreas, e apela para os presentes para que correspondam com um dia de salário para o sindicato a fim deste poder auxiliar os presos de classe.

Pedro Paz seguiu-se no uso da palavra. Presente que os salários vão ser reduzidos. Pelo menos é o que se depreende das declarações feitas pelo sr. Bugalho Pinto, director da Companhia Nacional de Alimentação, de que não aumentaria os salários mas os reduziria.

O orador afirma que o pão é péssimo e fabricado com potra que só envenena o público.

Termina aconselhando os presentes a auxiliarem os presos.

Domingos Gonçalves critica acerbamente os indivíduos que se prontificam a trabalhar além das horas normais, considerando essas criaturas responsáveis da crise de trabalho.

Referiu-se depois ao trabalho diurno na indústria de padaria, informando a assembleia de que a Conferência Internacional do Trabalho realizada em Amsterdam e na qual esteve representado Portugal, resolveu que a partir de 1927 fosse estabelecido o trabalho diurno nas padarias. O governo de Portugal, que ali esteve representado, parece não querer respeitar uma deliberação aprovada pelo seu representante.

Abel Lopes diz que os industriais afirmam que os manipuladores de pão se acostumaram a ganhar muito, quando a verdade é que os seus salários são bastante exigüos. Condena as manigancias dos industriais e exorta a classe a concorrer com um dia de salário.

Domingos Gonçalves propôs para que fosse aprovado um voto de sentido pesar pelas vítimas da catástrofe da Horta, em especial o proletariado que é a sua maior população.

Esta proposta foi aprovada por unanimidade.

Foram nomeadas as comissões por áreas para a propaganda do sindicato e a comissão pró-pressos foi aprovada por aclamação.

Torcatto Alves Braga apresentou a seguinte proposta:

"Atendendo a que o clericalismo tem procurado embrutecer o povo e, principalmente, a população das escolas primárias, e atendendo ainda a que D. Vitoria Pais defendeu no Congresso Pedagógico a liberdade de ensino primário, sem a imposição do catecismo, a assembleia geral do Sindicato dos Manipuladores de Pão resolve saudar D. Vitoria Pais pela forma como defendeu a liberdade de consciência contra a imposição que pretendem os católicos levar a efeito, do ensino religioso.

Esta proposta foi aprovada. A sessão terminou soltando os numerosos assistentes vivas aos manipuladores de pão e à Batalha.

O conflito na fábrica Ernesto Piccapane em Setúbal

Encontra-se solucionado o conflito entre os soldados e trabalhadores e os gerentes da fábrica Ernesto Piccapane.

Parece que uma nova rajada de bom senso tocou o proprietário da fábrica, pois que após o ter conhecimento do conflito, resolveu não só readmitir os trabalhadores que haviam sido despedidos, mas também admitir mais dois trabalhadores, e substituir o aprendiz que estava soldando as tiras por operários soldados.

Afinal veio a apurar-se que o principal fomentador do conflito era um tal Joaquim Pereira, que na fábrica exercia também o cargo de gerente, tendo sido este quem fez com que se desse a estúpida ordem de os trabalhos que pertenciam aos operários, que em grande maioria andam desempregados, serem feitos por mulheres.

TEATROS

Tem o público do Nacional, constituído por aquelas inúmeras pessoas que há muito acompanham os ilustres artistas Ilda Stichini e Alexandre de Azevedo, apenas quatro noites, incluindo a de hoje, para fazer as suas despedidas e admirar uma vez mais os encantos e as belezas da lindíssima comédia "Se eu quisesse...", que definitivamente sairá de cena na noite de próxima quinta-feira, embora o seu grande sucesso lhe garanta ainda por muitas noites a sua permanência no cartaz.

O Eden Teatro tem, todas as noites, a sua casa cheia, durante as duas sessões em que se desempenha a revista *Cabaz de Morangos*.

De noite para noite recrudescer a concorrência no Gimnásio, à medida que vão sendo conhecidos os atractivos da peça ali em cena. A "Mosca de Milão" é animada, em várias das suas cenas, por uma linda partitura. Tem ainda, a "Mosca de Milão" um primoroso conjunto de desempenho, com Adeline Abranches, Cremilda de Oliveira, Sales Ribeiro e Tomás Vieira, nos papéis de mais destaque. Para passar uma noite divertidíssima basta ir ao Gimnásio ver "A Mosca de Milão", que hoje se repete.

A Empresa do Teatro Salão Foz resolveu dedicar o espectáculo de hoje aos clubes desportivos de Lisboa. O programa abre com o "filme" "O Caminho da Força e da Belesas". Estrela-se a completista hspanhola Diamara, exibindo a cancionista e bailarina Fabiola o seu repertório.

Em vista do sucesso obtido, a Empresa resolveu prorrogar por mais três dias o contrato do dueto Romer and Brayner que apresenta o "Cão-matemático Berlim", o Inaudi canino.

OS QUE MORREM

Faleceu ante-ontem após doloroso sofrimento o menino Emílio Justino da Graça, de dez anos, filho do camarada chauffeur Joaquim Justino, realçando-se o funeral hoje, pelas 16 horas, da sua residência, Rua Rodrigues Faria, 39 rje ao Calvario, para o cemitério d'Ajuda.

QUEDAS DESASTROSAS

Para debaixo de uma camionete

Na enfermaria de São Fernando do hospital do Destêrro, deu entrada Manuel de Sousa, de 38 anos, servente da C. M. L., residente na rua Sabino de Sousa, 66, 2.ª, que, no Alto de São João, caiu de uma camionete da C. M. L. sendo colhido por uma das rodas, ficou com fractura de costelas e ferido no rosto.

Ciclistas de má sorte

No pósto da Cruz Vermelha do Calvário, recebeu curativo e seguiu para casa, João Martins, de 22 anos, natural de Lisboa, empregado no comércio, residente em Algas, e que, na Junqueira, caiu de uma bicicleta, ficando ferido no rosto.

No banco do hospital de São José, foi pensado e recolhido a casa, Manuel Agostinho de Oliveira, de 23 anos, latoeiro mecânico, rua Garcia da Horta, 17, pátio, que caiu de uma bicicleta, próximo da residência, ficando ferido nos joelhos.

A enfermaria de São Francisco do hospital de São José, recebeu João Alfredo Bonifácio, de 21 anos, natural de Lisboa, serralleiro, morador na rua da Verónica, 11-B, 1.ª, que caiu de uma bicicleta na rua das Beatas, ficando contuso no ventre.

História Universal del

Proletariado

"Veinte siglos de opresion capitalista"

Esta publicação em língua espanhola que se encontra à venda na nossa administração, é o relato histórico, documentadíssimo e detalhado das lutas originadas pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros alvoroços da civilização.

Cada fascículo de 48 páginas, 1600 pelo correio, registado, 1800.

Estão publicados os seguintes fascículos:

1.ª — La era de la esclavitud;
2.ª — La rebelión de Espartaco;
3.ª — Abolición de la esclavitud;
4.ª — Abyección y Servidumbre;
5.ª — La revolución de los siervos;
6.ª — La miseria de los agricultores;
7.ª — Transformación del Poder Feudal;
8.ª — El comunismo cristiano;
9.ª — Los miserables en la Edad Média;
10.ª — La libertad ilusoria;
11.ª — La agonia del absolutismo;
12.ª — El trabajo motor universal;
13.ª — El imperio de la guilhotina;
14.ª — Las ideas sociales y la revolución francesa.

15.ª — Los primeros tiempos del salariado;
16.ª — Hospitales, cárceles y asilos;
17.ª — Las crueldades de la burguesia republicana;
18.ª — Los héroes de la Comuna;
19.ª — Horribles matanzas de Comunistas;
20.ª — La Republica Española y la clase obrera;

21.ª — La Primeira Internacional;
22.ª — El socialismo ante el Parlamento español;

Tem também o aproveitimento de se dizer amante da Verdade quando tão descaradamente deturpa o sentimento dos que como D. Vitoria Pais lhe são muito superiores e cujos actos são inacessíveis a sua mesquinha inteligência.

Aqui fica pois exarado o procedimento desse cavalheiro, tendo também na devida conta o diploma que lhe passa a todos os livres pensadores amantes da liberdade que embora seja "deusa sanguinária" ainda não cometeu tantos e tão abomináveis crimes como a religião católica que ele tão acerbamente defende. — C.

Gaminhos de Ferro do Estado

Previdência do Ferrovário do Sul e Sueste

EDITOS DE 30 DIAS

Pela Comissão Administrativa da Previdência do Ferrovário do Sul e Sueste correm editos de 30 dias, nos termos do artigo 12.º e seus parágrafos dos respectivos Estatutos, a contar da última publicação deste anúncio no "Diário do Governo" ciliando todas as pessoas incertas que se julguem com direito ao todo ou parte da quantia de 7.920\$000 (sete mil novecentos e noventa e dois escudos), valor do auxílio, de que trata o art. 17.º e seu parágrafo único, de citados Estatutos, deixado pelo sôco n.º 517, Joaquim António Carvalho Pequito, factor de 2.ª classe, falecido em 16 de julho findo e a cuja quantia se habilitaram seus pais Joaquim Manuel Pequito e Francisca de Jesus Lavaredas.

Lisboa e sede da Previdência do Ferrovário do Sul e Sueste, aos 31 de Agosto de 1926. — O secretário da comissão administrativa, Vasco Lupi.

LA NOVELA SOCIAL

LA LOCA VIDA

E' o titulo do n.º 10 da interessante coleção de novelas que se publicam em língua espanhola sob o título genérico de *Novela Social*, encontrando-se à venda na nossa administração ao preço de 500. Pelo correio 570.

Maximo Gorki
Como se forja um Mundo Nuevo . 6500
Cuentos de Italia . 6500
La vida de un Hombre Inmortal . 6500
Wladimir Korolenko
El Imperio de La Muerte . 6500
Dr. G. Feydoux
La vida tragica de los Trabajadores . 10500
Jean Masestan
La Educación Sexual . 10500
El matrimonio, el amor libre y la libre maternidad . 9500
E. Reclus
La Montaña . 6500
El Arroyo . 6000
Octavio Mirbeau
El Calvario . 6500
P. Krapotkine
La ética, la revolucion y el Estado . 6500
Luis Fabry
Critica revolucionaria . 6500
H. Malatesta
Ideário . 6500
F. Dostoyevsky
Los Hermanos Karamazov . 9500

Cartilha do homem do povo . 550
Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Loforgne . 550
O que é ser socialista?, por Ernesto da Silva e Ladislau Batalha . 550
Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva . 1550
Cartas políticas, por João Chagas, diversos números, cada exemplar . 1500
A Humanidade, por Taraf Javoli . 1550
O Abortamento, pelo Dr. Confeymon e I. Budin . 2500
Monarquia Jesuitica, por Melchior Zuchoter . 2500
Os gatos, por Fialho de Almeida, os três primeiros números da 2.ª série O Mitrismo, pelo prof. Almeida Paiva . 2550
Os Crimes da Sacristia, por Alexandre Barbas . 3500
A Religião da Humanidade, por José Augusto Correia . 3550
A Filologia perante a História, por Nobre França . 5500

Livraria de **A BATALHA**

Mirbeau.—O Jardim dos Suplicios.. 490

1-Memórias de Angela Pinto	1500
Passanfi. — Iniciação matemática....	500
Parame. — Origem da vida.....	800
Oliveira Martins	
Helenismo e a Civilização Cristã.	1500
História da Civilização ibérica..	1500
História da República Romana (2	

História de Portugal (2 vol.)...	30800
Raças Humanas (2 vol.)...	30800
O Brasil e as Colônias Portuguesas	15800
Cartas Peninsulares.....	15800
Sistema dos meios e ficções religio- sas.....	15800

Orlando Marçal

Águas claras.....	6300
Imagens de Sônhô.....	1300
Raul Brandão	
Os Pescadores.....	10300
Os Pobres.....	10300
O Teatro.....	8500
Spencer - Da Educação (br. 5800) enc.	8500
Teletoi - A canção de K...	

Anna Karenine.....	4800
Toulouse. — Como se deve educar o espírito.....	5300
Victor Hugo.....	4300
França e Belgica.....	10500
O Reno (2 v.).....	15900
Os Miseráveis (2 grossos vol) illus.	

Zola	trados, encadernados...)	4090
A Taberna		1250
Tereza Raquin		590
Alegria de viver (2 vol.)		890
A conquista de Plassans, (2 vol.)		890
Fecundidade		2090
A fortuna dos Rougons (3 vol.)		

Uma página de amor.....	990
Dr. Pascal.....	890
PUBLICAÇÕES SOCIOLÓGICAS	
...—Organização Social Sindicalista	330
Antonelli, —A Rússia bolchevista...	230
Cura Merlier, A...	

Dura meta! — A razão dum padre	500
Dufour. — O sindicalismo e a proxi-	
ma revolução (2 volumes).....	800
Emílio Besta. — Cristo nunca existiu.	600
Geo Williams. — Relatório dos dele-	
gados dos I. W. W ao congresso	
da I. S. V. de Moscon.....	100
Gladiator. — A questão social do Bra-	

Gustavo le Bon	115
As primeiras consequências da guerra	850
Ensinaamentos psicológicos da guerra europeia	850
Leis psicológicas da evolução dos povos	

Folhas (enc.).....	630
Guyau.—Ensaio duma moral sem obrigação nem sanção.....	530
Educação e Hereditariedade... Hamon	430
A conferência da paz e a sua obra	550
As lições da guerra mundial... ..	850
O movimento operário da Grã-Bre-	

Bretanha.....	550
Psicologia do socialista-anarquista	580
A crise do Socialismo	55
A psicologia do militar profis- sional	550
Henrique Leone.—O Sindicalismo. ..	450
Heliodoro Saldado	

Conto da Imaculada.....	1080
Jean Grave	
A sociedade Futura.....	550
O individuo e a sociedade.....	450
Joseph I. Ettor.—Unionismo indus-	
trial.....	35
Julio Guesde.—A lei dos salarios.....	35
Justus Ebert.—Os I. W. W. na tea-	

Krapotkine	380
A anarquia, sua filosofia e seu ideal	135
A Grande Revolução (2 vol.)	1080
A moral anarquista	55
Os bastidores da Guerra	83
O Estado e o seu papel histórico	155
Lazare. — A Liberdade	

N. Lénine.—Os problemas do poder	95
dos Soviets	155
Landauer, —A Social Democracia na	185
Alemanha	330
Manuel Ribeiro, —Na linha de fogo	380
Marx, —O Capital	530
Melchior Inchofer, —Monarquia jesu- tica	580
Nietzsche	420
Anti-Cristo	420
Genealogia da moral	420
Neno Vasco, —Ao Trabalhador Rural	33
—Georgicas	180
Concepção Anarquista do Sindica- lismo	380
A greve dos inquilinos	420
Novikov, —A emancipação da mulher	430
Patut e Pouget, —Como faremos a revolução	430
Perfeito de Carvalho, —Notas e co- mentários	185
Sebastião Faure, —Doze provas da inexistência de Deus	185
Tomás da Fonseca, —Sermões da Montanha	120



Consequências sociais do ensino católico

No *Genesis*, cap. XXVII, vv. 28 e 29, diz Isaac a Jacob, que astuciosamente lhe subtrai a bênção patriarcal:

«Deus te dê do orvalho do céu, e da fertilidade da terra abundância de pão e de vinho. E os povos te sirvam e as tribus te reverenciem: se senhor dos teus irmãos e do dobro em tua presença o joelho os filhos de tua mãe; aquele que te amaldiçoar, seja amaldiçoado; e o que te abençoar, seja cumulado de bênçãos.»

E nos vv. 36 e 37, Esaú queixa-se a Isaac de ter sido fraudulentamente roubado por seu irmão:

«Porém, Esaú prosseguiu: Justamente lhe foi posto o nome de Jacob; porque esta é a segunda vez que ele me arma engano: primeiro, ele me levou o direito da primogenitura, e agora, segunda vez me roubou a bênção que me fora destinada. E outra vez disse ao pai: Porventura não reservaste bênção também para mim?»

«Respondendo Isaac: Eu o constituí a ele teu senhor, e sujeitei à sua servidão todos os seus irmãos; estabeleci-o na posse do trigo e do vinho, e depois disto, meu filho, que te posso eu fazer?»

Quem ler com atenção todo esse infame capítulo da *Bíblia*, do livro apresentado ao povo como divinamente revelado, vê ali positivamente proclamados:

a) o princípio da servidão do homem ao homem.

b) a monarquia absoluta, com toda a sua arbitrariedade governativa;

c) os exércitos como auxiliares do despotismo, no versículo 40;

d) o direito de propriedade fundado sobre o dolo e sobre a astúcia.

Chegados a este ponto, perguntamos aqueles que nos têm se não está exactamente nesses quatro princípios a fonte de todas as opressões por parte das classes dirigentes, e toda a sujeição, toda a miséria das classes trabalhadoras. Perguntamos se o catolicismo, tomando por ponto de partida esse livre infame, para o seu ensino tenebroso, não é hoje o fator principal do nosso ensino tenebroso, não é hoje o fator principal do nosso mal-estar social? E, sem esperar por uma resposta ociosa, concluam com Proudhon (*De la Justice*, etc.) pela necessidade da imediata eliminação do Absolutismo, como fonte de todos os nossos erros e de todas as nossas misérias.

As consequências fatais dessas injustiças clamorosas, apontadas logo no versículo 41, em que Esaú diz que virão dias de luto para seu pai, pois que ele matará seu irmão, estão ali patentes: a surda revolta dos deserdados contra os privilegiados; a insurreição permanente dos que sofrem contra os que oprimem; a guerra do proletariado explorado contra as classes que o exploram; a Revolução, numa palavra, inflamando o globo no incêndio voraz das grandes colinas da ruína contra o palácio, do trapo contra os estolhos bordados, da lama contra o ouro.

Unidos assim por esse cordão do clericalismo e do despotismo, é óbvia a necessidade de, simultaneamente, obrigarmos os dois monstros a beijar o solo. Precisamos de reivindicar os nossos direitos; mas, enquanto um padre só for esatado pelo povo ignorante e crédulo, *lud-de haver servos*, não de haver o espírito monárquico predominante, *muito embora mascarado com o nome de República*; não de nossos filhos serem roubados para o exército, máquina indispensável na manutenção da ordem divina estabelecida; não de a terra e o capital continuar enfiados numa dada classe, em menoscabo de todas as outras, talvez as mais úteis, porque são mais produtivas — as únicas produtoras.

Numa palavra: enquanto a humanidade alcejar em frente dum altar, a humanidade, serva dos reis e dos padres, será reprobada (Proudhon); e como reprobada sofrerá o seu castigo: a sua sujeição.

Em vão os governos *soi-disant* liberais proclamaram a abolição da escravidão: o povo é sempre escravo, desde o momento que não tenha os meios de subsistência garantidos e o capital possa esperar. Revolte-se, faça greves, proteste: ele se submeterá vencido pela fome, para que o capital adquira com a sua nova vitória uma garantia nova.

Em vão as diferentes escolas políticas liberais vão fazendo revoluções, no intuito aliás generoso, de libertarem as classes baixas. Essas revoluções serão improfitosas. E, embora transformado, mascarado, envolvido em mil disfarces, o princípio monárquico aparece em todas essas escolas, desde a mais pronunciadamente absolutista, a mais radicalmente republicana. O povo não será livre enquanto não for regra geral, lei universalmente acolhida — a instrução universal, tendo por corolários o trabalho universal e a propriedade universal. De que nos vale o direito do voto, se dependemos do patrão, e somos nas mãos dele um simples instrumento do *statu quo*?

Continuemos, pois, a folhear a *Bíblia*: queremos ver, agora, justificadas as conquistas?

«O qual respondeu disse: Duas gentes estão no teu ventre, e do teu ventre se dividirão dois povos, e um povo vencerá o outro povo, e o mais velho servirá ao mais moço.» *Genesis*, cap. XXV, v. 23.

Querem ver estabelecido o princípio monárquico?

«Eu a abençoarei, e dela te darei um filho, o qual abençoarei, e ele será o chefe das nações, e dele sairão os reis dos povos.» *Genesis*, cap. XVII, v. 16.

Queréis agora ver o roubo fraudulento preceituado?

«Abri o *Exodo*, cap. III, quando o povo judeu se preparava a sair das terras do Egipto:

«Mas cada mulher pedirá à sua vizinha e à sua hospedeira vasos de ouro e de prata, e assim deixarem despojado o Egipto.» *Exodo*, cap. III, v. 22.

«E o Senhor fez o seu povo grato aos egípcios, para que estes lhe emprezassem: e assim despojaram os egípcios.» *Exodo*, cap. VII, v. 36.

Agora é preciso coroar a obra. Vamos achar novas bases à inquisição (vej. cap. I do presente opusculo):

«Não sofrerás que vivam as feiticeiras.» *Exodo*, cap. XXII, v. 18.

«Aquele que sacrificar aos deuses, a excepção só do Senhor, morrerá.» *Idem*, *idem*, v. 20.

Agora, quando nós baixamos os olhos à idade média, cu ainda mesmo aquele pavoroso século XVI, e vemos a hedionda orgia

inquisitorial, arrastando à fogueira uns pobres alucinados, uns tristes visionários, como réus do crime de feitiçaria, não só nos países católicos, mas, e talvez mais ainda, nos países protestantes, não teremos direito a acusar esse livro infame de ter sido o promotor dessas tragédias?... E quando vemos a intolerância religiosa arvorada em princípio de ordem social, seremos tão indignos que nos não sintamos indignados em frente desse versículo 20, acima apontado?... Vimos o princípio? — Vejamos as consequências. E país nenhum como a Espanha, a terra clássica da Inquisição e do fanatismo, se presta a esse estudo. Vamos ver o número de vítimas que a Inquisição af em menos de três séculos: o que devoraram os massacres tumultuosos e as guerras da religião, di-lo hemos também um dia.

Torquemada, o primeiro inquisidor das Espanhas, nomeado pelo papa Sixto IV, a pedido de Fernando, o Católico, instala em vizinho reino esse tribunal de sangue em 1481 e conserva o seu posto até 1498 em que morreu. O estabelecimento da Inquisição em Espanha não se fez porém pacificamente. No ano de 1485, Pedro de Arbués, um dos inquisidores, é assassinado na catedral de Saragossa, no meio duma sedição. Mais tarde Carlos V requereu do Papa Paulo III a sua canonização. Paulo III, o amigo dos jesuítas, o protector da Inquisição, accedeu. Efectivamente Pedro de Arbués merecia essa honra, tanto como São Domingos. Pois não fizera ele, no curto espaço dum ano, e no limitado âmbito de Valência, queimar duas mil pessoas (ab. de Fleury, *Hist. Eccl.*)? Durante os 17 anos do seu governo eis a obra de Torquemada: 10.220 espanhóis queimados vivos; em efígie, 6.480; condenados a cárcere penitencial, 97.371. Não sabemos porque, este bandido não foi ainda canonizado.

Sucedeu-lhe no ministério Dora, 2.º inquisidor geral, eleito em 1498, morto em 1507. Fez queimar vivos, durante os nove anos do seu governo, 2.592 espanhóis; em efígie, 520; condenados ao cárcere penitencial, 32.052.

Sucedeu-lhes Cisneros, 3.º inquisidor geral, eleito em 1507, e morto em 1517. Não contente com exercer o seu despotismo em Espanha, quis estendê-lo ainda até Nápoles. O povo napolitano quis revoltar-se, porém, contra os inquisidores, e lá firme e resolute mostrou que o próprio papa Júlio II, se viu, em 1510, obrigado a dar-lhes ordem de despejo. Cisneros queimou vivas 1.620 pessoas; em efígie, 2.232; condenou ao cárcere penitencial, 48.030.

Sucedeu-lhe Adriano Florencio, 4.º inquisidor geral, eleito em 1517, e aclamado em 1521 para presidir à igreja católica com o nome de Adriano VI. Durante o seu curto governo foram queimadas vivas 1.620 pessoas; em efígie, 560; condenadas ao cárcere penitencial, 21.855.

Desde 1521 a 1523, interregno inquisitorial, são queimadas vivas 824 pessoas; em efígie, 112; condenadas ao cárcere penitencial, 4.481.

Alfonso Manrique, 5.º inquisidor geral, foi eleito em 1523, e morreu em 1545. Queimou vivas 2.250 pessoas; em efígie, 1.125; condenou ao cárcere penitencial, 11.250.

Taben, 6.º inquisidor geral, eleito em 1545 e morreu em 1556. No tempo deste inquisidor tenta novamente a Inquisição introduzir-se no reino de Nápoles. O povo insurgiu-se novamente (1546) e o imperador vê-se obrigado a ordenar a Taben que desistisse dos seus projectos, concedendo ao tempo anistia plena aos revoltosos. Queimou vivas 840 pessoas; em efígie, 420; condenou ao cárcere penitencial, 6.250. Sucedeu-se-lhe Loaisa, 7.º inquisidor geral.

Agora porém que já está constituído por Carlos V o império da Espanha, que, a bem dizermos, o poder espiritual está lúndico com o poder temporal nas mãos do soberano, contemos as vítimas pelos diferentes reinados desses tiranos, cuja memória a Espanha nova maldis.

Carlos V tem a glória do seu feliz reinado (no dizer dos historiadores católicos e monárquicos), manchada (segundo nós) pela queima de 1.320 pessoas em vida; 660 em efígie, e pelo encarceramento de 6.600.

Filipe II, elevado ao trono pela abdicação, talvez forçada (vid. Oliveira Martins, *Hist. da Civ. Ibérica*) de seu pai, governou desde 1550 até 1597. Em 1588 prepara a armada invencível com o fim de se apoderar da Inglaterra protestante, e promete grossa recompensa a quem entregar a rainha Isabel nas mãos dos católicos. A armada invencível é destruída pela tempestade, junto às costas da Grã-Bretanha; e quanto às suas promessas... ninguém as escutou. No tempo deste rei sombrio, cognominado por Isabel *diabo do meio dia*, foram queimadas vivas, 3.990 pessoas; em efígie, 1.855; condenadas ao cárcere penitencial, 18.450. Conta-se deste tirano que, como uma vez um condenado à fogueira lhe pedisse piedade, ele respondera secamente, que se seu filho fosse réu do crime de heresia, ele próprio lhe pegaria o fogo à lenha. Efectivamente o príncipe D. Carlos, seu filho, tendo-se tornado affecto aos hereses dos Países-Baixos, foi encarcerado por ordem de Filipe, e envenenado no cárcere.

Filipe III subiu ao trono em 1597, e morreu em 1621. Foi no tempo deste monarca que a República de Holanda saiu finalmente triunfante da sua longa e sanguinolenta guerra com a monarquia católica. Foi reconhecida pela Espanha a sua independência, e o livre-exercício do culto protestante (1609). Filipe III teve no seu reinado 1.840 pessoas queimadas vivas; 1.428 em efígie, e condenadas ao cárcere penitencial, 10.716.

Filipe IV foi eleito em 1665, e morreu em 1700. No seu reinado foram queimadas vivas 1.600 pessoas; em efígie, 540; condenadas ao cárcere penitencial, 6.512.

Sucedeu-lhe Carlos II, que reinou desde 1700 a 1776. No seu tempo recebe a Inquisição espanhola o formidável cheque de ser aprovada pelo pontífice Bento XIV toda a obra do cardeal Noris, que ela condenara. Isto não obsteu todavia a que ela fosse queimando nesse reinado 2.852 pessoas em vida; 1.428 em efígie, e condenasse ao cárcere penitencial 6.512.

Tais são as consequências do ensino católico, baseado na *Bíblia*, livro obscurantista, no qual todas as tiranias acham a sua justificação.

«A BATALHA» no Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

DESFAZENDO O CONFUSIONISMO

A comissão administrativa da C. G. T. enviou aos organismos aderentes uma ponderada circular

A comissão administrativa da C. G. T. dirigiu aos Sindicatos confederados, Federações, União e Câmaras Sindicais, a seguinte circular:

Presados camaradas:

E' com imensa mágoa que a actual comissão administrativa da C. G. T. resolveu em sua última reunião dirigir a todos os organismos confederados a presente circular e publicá-la em *A Batalha*, no intuito apenas de esclarecer os organismos e o operariado, dos motivos que deram origem ao conflito havido no Conselho Confederal da C. G. T. e colocar o assunto no seu devido lugar, a-fim de não se evitarem juízos errados acerca do conflito em referência, como ainda, e muito especialmente, para levar a bom termo, e sem despejos de quem quer que fosse, a sua missão, foi desleal e jesuiticamente tripudiada pelos indivíduos que fomentaram a campanha derrotista que se anda fazendo nos organismos da província contra a C. G. T. indo até ao ponto de se insinuar que a comissão administrativa está fazendo um frete aos políticos «comunistas», criaturas apontadas pelos «detractores» de *A Batalha* e da C. G. T. como instigadores do conflito havido no Conselho Confederal. Assim pois, não poderia a Comissão Administrativa continuar silenciosa em face dos ataques desleais que lhe têm sido feitos e à Confederação, porquanto, se continuasse, a pesar de tudo, mantendo como era seu desejo a sua primitiva atitude, daria lugar a continuidade da acção derrotista que certos elementos e organismos ideológicos vêm fazendo junto dos organismos confederados da província, e a continuar-se semeador cada vez mais a confusão no seio do proletariado que, afastado do local onde o conflito se deu, continuaria inibido de conhecer a verdade. E' pois em obediência à verdade, sem preocupações de agradar a gregos nem a troianos, que a Comissão Administrativa vem dizer em público que o grave conflito havido no Conselho Confederal não foi fomentado por «comunistas», como se vem alardeando, mas sim originado na ida de um delegado ao pleno da A. I. T. por resolução tomada pela maioria do Comité, sem que desse facto o Conselho Confederal tivesse tido conhecimento. Todavia, dias depois do delegado ter seguido para Paris, sabia-se fora da Confederação, por criaturas «extranhas» ao Conselho, que o delegado tinha marchado e ao que lá. Este facto e não outro, fez irritar profundamente alguns membros do Conselho, entre os quais se destacou o delegado da Federação Mobilizadora, o qual, na primeira reunião do Conselho, levantou o assunto, protestando contra tal facto, e acrescentando que as finanças da C. G. T. não permitiam que se fizesse, como era necessário, a máxima propaganda para o levantamento moral dos organismos confederados que se mantem decalados, e que muito menos permitiriam a ida de um delegado a Paris, tanto mais que o mesmo é acusado por vários elementos da sua classe como perulário, e, neste caso, que tal delegacia em nada honraria a C. G. T.

Outros delegados se referiram ao assunto, entre eles membros do Comité que dizem não terem assistido à reunião em que tal deliberação foi tomada, tendo-se pronunçado desfavoráveis à ida do delegado. O Conselho porém entendeu que tal discussão não deveria prosseguir sem que o delegado regressasse e estivesse presente na reunião do Conselho. O delegado regressa, e no Conselho Confederal, que em seguida se efectuou, é novamente levantado o assunto; tanto mais que o referido delegado e o secretário da Comissão Administrativa apresentaram o seu pedido de demissão dos cargos que occupavam na C. G. T. E' então que, a propósito dos pedidos de demissão e da ida do delegado ao pleno da A. I. T., se começaram accusando mutuamente os delegados efectivos da Câmara Sindical do Trabalho do Porto e da União dos Sindicatos Operários de Setúbal.

O delegado do Porto accusou o de Setúbal, como director de *A Batalha*, de traição à Organização, por, em seu entender, o mesmo ter desviado *A Batalha* da orientação revolucionária que lhe demarcaram os congressos da Covilhã e Santarém. O delegado de Setúbal, director de *A Batalha*, accusou o delegado do Porto de ser perulário da Organização, e de ter levado 30 dias numa delegacia ao Norte, quando apenas lhe estava indicado que a deveria realizar no espaço máximo de 10 dias.

E', pois, à volta destas mútuas accusações que se estabeleceram, por parte de vários delegados ao Conselho, um partidismo parcial, entre os quais se destacaram os delegados efectivos da Federação de Calçado, Curos e Peles, Sindicato dos Mineiros de S. Domingos e os delegados suplentes da Federação Ferroviária e União dos Sindicatos de Évora, o que deu origem a agravar-se mais ainda o conflito, e a levarem-se muitas sessões do Conselho na discussão de tal assunto, que, a continuar, sem que alguém, como as Federações de Indústria e Fôrmento, tivesse intervenido de maneira a pôr termo a semelhante bandalheira, ter-se-ia esfacelado, se não tódá, parte da Organização, posto que a má fé com que alguns delegados estavam tratando de tão grave questão levaria os restantes, e até os mineiros, a envolverem-se em desordem. Esta é que é a verdade, nua e crua, dó a quem doer. E não venham alguns dos que se dizem anarquistas apontar-nos o perigo comunista, porque ele não existe. Sim, não tenham receio de que a C. G. T. cáia desamparada nas mãos dos políticos, porque, a-pesar-de se insinuar que a Comissão Administrativa lhes está fazendo um «frete», todavia ela desmentirá essa insinuação, continuando a manter-se firme as manifestações revolucionárias de cada um dos seus componentes, e fiel à orientação revolucionária que a C. G. T. e a *Batalha* têm sido demarcada pelos Congressos de Coimbra, Covilhã e Santarém.

Vai ser nomeada uma comissão que se encarregará de inquirir convenientemente até que ponto são verdadeiras as accusações que, mutuamente, se fizeram no Conselho Confederal, devendo esta elaborar um minucioso relatório que o entregará ao novo Conselho, para que dele apenas tome conhecimento e o faça publicar em *A Batalha*, a-fim de que toda a Organização e o operariado fiquem sabendo quem foram os principais responsáveis da situação que presentemente a C. G. T. está atravessando, e de quais os acusados que podem continuar merecendo a confiança de toda a Organização Operária.

Resta, pois, que as Federações, Câmaras Sindicais, União e Sindicatos isolados enviem urgentemente os nomes dos seus delegados para o novo Conselho e que toda a Organização confie na acção da Comissão Administrativa e na sinceridade de todos os seus componentes, para que ela possa desempenhar-se convenientemente da sua árdua missão, até à constituição do novo Conselho Confederal, repellido sempre quaisquer insinuações que lhes sejam feitas por quem quer que seja, e a nefasta propaganda de desagregamento e difamação que, abusivamente, se está movendo contra a Confederação Geral do Trabalho.

Sem mais, acceitai as nossas mais efusivas saudações sindicais revolucionárias. — A Comissão Administrativa.

Vida Sindical

C. G. T.

Comissão administrativa

Reuniu-se a comissão administrativa. Entre vários expedientes apreciou officios da Federação de Calçado, Curos e Peles, União dos Sindicatos de Faro, Empregados no Comércio da Figueira da Foz e União dos Sindicatos de Évora, ficando assente officiar à U. S. O. de Faro e E. C. da Figueira da Foz.

Temou conhecimento dos officios credenciais dos delegados ao futuro Conselho Confederal dos seguintes organismos: Federações Rural, Construção Civil e Mobilizadora, Câmaras Sindicais de Lisboa e do Porto, União dos Sindicatos Operários de Évora.

Resolveu publicar a circular enviada a todos os organismos aderentes à Confederação a-fim de aclarar o confusionismo que se está fazendo em torno da C. G. T.

Deliberou-se reunir amanhã, pelas 21 horas, a-fim-de prosseguir nos trabalhos encetados.

Câmara Sindical do Trabalho

DE LISBOA

Comissão Instaladora

Reúne-se hoje à hora que, de comum acordo, ficou determinada, devendo comparecer o relator do parecer da comissão de inquérito ao camarada Ortiz.

Conselho de Delegados

Amanhã reúne o Conselho de Delegados para continuação dos trabalhos respeitantes ao parecer da Comissão Instaladora.

COMUNICAÇÕES

S. U. da Construção Civil. — Comissão Escolar. — Reuniu tendo apreciado a forma pouco digna como se conduzem algumas pessoas que ficando com bilhetes de benefício tardiamente os liquidam, dificultando assim os trabalhos de apuramento de contas.

As contas da festa pró-Alfredo Lopes e Francisco Gil accusam um saldo de 2.071\$50 do qual faltam receber ainda 44\$00; as da pró-Batalha renderam 436\$80 da qual faltam receber 110\$00 e as do passeio fluvial demarcam um lucro de 375\$75 do qual falta receber 20\$00.

Manipuladores de Pão. — Reuniu-se a comissão administrativa que tratou de diversos assuntos de interesse colectivo. Resolveu realizar uma festa para auxilio do cofre do sindicato; convocar a assembleia geral no dia 26 do corrente, a-fim de se apreciar os balancetes de Julho e Agosto; e convocar as comissões de áreas para quinta-feira próxima. Foi apreciado um documento vindo do Forte de Monsanto, no qual se fazem diversas accusações a alguns componentes da classe, resolvendo convocar em breve uma reunião de militantes para resolver sobre o assunto.

Constando à comissão administrativa deste sindicato, que se vai espalhando que a questão existente entre alguns componentes era uma questão de tendências, a comissão administrativa declara que não se trata de luta de tendências, mas de accusações graves sobre alguns sindicados que precisam de ser aclaradas com a maior imparcialidade.

Compositores Tipográficos. — Reuniu no domingo, em assembleia geral extraordinária, a classe dos compositores tipográficos a-fim de apreciar o conflito aberto entre o quadro tipográfico e a empresa do *Correio da Manhã*; procurar uma forma prática de debelar o crise de trabalho que, presentemente, asseberba a classe, e ainda outros assuntos de carácter colectivo.

Após agitada discussão ficou resolvido que a direcção deste sindicato possa agregar todos os elementos que julgue precisos para que, mais eficazmente, possa pôr em pratica todas as medidas que em casos desta ordem e de tanta gravidade, é necessário lançar mão. Nesta assembleia ficou também nomeada uma comissão para tratar de prestar todo o auxilio moral e material aos componentes do quadro do *Correio da Manhã*, hoje em luta pela defesa da organização de trabalho. A classe chamou a si o conflito, pois que o móbil da questão implica com a manutenção das regalias conquistadas pela classe.

Vendedores de Jornais. — Reuniu-se a assembleia magna, tratando, entre outros assuntos, do descanso dominical, sendo nomeado Alfredo Marques Pereira para, junto da assembleia dos Profissionais da Imprensa, expor as resoluções tomadas na assembleia dos Vendedores de Jornais.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE: S. U. da Construção Civil. — Conselho de Secções. — Pelas 21 horas, com a presença dos delegados ultimamente nomeados como auxiliares para tratar dum assunto de inadiável resolução.

S. U. C. Civil. — Secção dos Serventes. — Pelas 20 horas, a comissão administrativa. Secção dos Pintores. — Pelas 21 horas, assembleia geral para apresentação de contas do 1.º semestre do corrente ano e nomeação da comissão revisora de contas.

Federação do Calçado, Curos e Peles. — Conselho Federal. — Pelas 21 horas, para apreciar duas circulares da C. G. T. referentes ao conflito havido e outros trabalhos pendentes.

Pessoal do Município. — Pelas 21,30 horas, o conselho administrativo, para assuntos de grande importância. Pede-se a comparencia dos delegados à C. S. T. e do ex-secretário-tesoureiro da caixa de solidariedade.

Fragateiros. — Pelas 20 horas, assembleia geral.

Marinheiros e Moços. — Pelas 20 horas, assembleia geral, para assunto de interesse para a classe.

Federação Metalúrgica. — Comissão Administrativa. — Hoje, pelas 20 horas.

DIAS PROXIMOS: Federação dos Trabalhadores do Livro do Jornal e Similares. — O Conselho Central amanhã, às 21 horas.

Federação Ferroviária. — Reuniu amanhã, pelas 18,30 horas, a comissão executiva deste organismo para apreciar vários assuntos que devem ser submetidos à apreciação do Conselho Federal.

No próximo dia 18, pelas 22 horas, o Conselho Federal deste organismo para

A II Conferência Juvenil do Porto

realiza-se entre os dias 15 e 17 do próximo mês de outubro

Uma nota officiosa da sua comissão organizadora

Está definitivamente marcada para o próximo mês de outubro, nos dias 15, 16 e 17, a realização da II Conferência dos militantes juvenis do Porto filiados no N. J. S. Este acontecimento, duma tão alta importância, certamente que virá trazer ao movimento operário revolucionário local certas vantagens que até aqui se não constatavam.

Não pretendemos nós, comissão organizadora, levar à II Conferência trabalhos que não estejam ao alcance de todos para serem executados o mais breve possível, nem tampouco repisar aquilo que noutras conferências análogas e congressos se tem apreciado, discutido e aprovado. O que queremos é mais obras e menos palavras.

E os trabalhos que os componentes desta comissão estão encarregados de elaborar são tendentes a dar-lhes execução imediata.

Precisamos de modificar as actuaes bases orgânicas do Núcleo por se verificar nelas certas anomalias que prejudicam a expansão do nosso organismo. A «Metodização da propaganda», trabalho que um membro desta comissão está encarregado de elaborar e apresentar o mais breve possível, é por assim dizer um complemento dos trabalhos aprovados na primeira Conferência.

«As Juventudes Sindicalistas perante o momento que passa», é uma verdadeira afirmação de princípios que a Conferência certamente aprovará por traduzir fielmente o pensamento das Juventudes Sindicalistas. Perante a onda de desmoralização que ameaça subverter a ala mais avançada do movimento revolucionário português terá a Conferência de marcar a sua desassombrada atitude aprovando aquela tese.

Será muito possível que esta comissão apresente também um trabalho sobre «Solidariedade». Todos nós sabemos que este tema tem sido discutido várias vezes em congressos e conferências sem que até hoje algo de pratico se verificasse de maneira a evitar anomalias que não dignificam muito os militantes que já o discutiram. Necessitamos duma «Solidariedade materialista», que aos presos não lhes seja regateado o pouco do pouco com que contribuímos para os cofres da Solidariedade; que aos perseguidos da causa social lhes seja facultado, na medida das nossas forças, o óbulo de que necessitam, para não caírem nas garras dos seus algozes. Todos nós sabemos definir o que seja solidariedade, mas daí ao praticá-la vai uma grande diferença.

Expostos muito sucintamente alguns dos trabalhos que serão presentes à sanção da Conferência, resta que todos os militantes juvenis do N. J. S. do Porto se compenetreem dos seus deveres, quer contribuindo monetariamente para nos aliviar das despesas que a realização da Conferência possa acarretar, quer ainda contribuindo moralmente para que a Conferência seja revestida daquele brilhantismo que deve ser peculiar entre nós, jovens sindicalistas, que aspiramos uma sociedade completamente libertária. — A Comissão Organizadora.

Nota. — Previnem-se todos os jovens que tencionem apresentar trabalhos à Conferência que enviem os mesmos a esta comissão até ao próximo dia 25, a-fim-de não causar embaraço na sua publicação.

PROPAGANDA SINDICAL

Na Amora realizou-se uma importante sessão

AMORA, 12. — Realizou-se, ao largo do trabalho, uma importante reunião dos corticeiros desta localidade, à qual assistiu a direcção do Sindicato do Seixal e um delegado da Federação Corticeira.

A reunião, que tinha por fim organizar sindicalmente os operários desta localidade onde são em grande numero, visto serem 400 os que trabalham na fábrica Mondet, realizou-se na associação dos vidreiros, com grande concorrência, predominando entre elle o elemento feminino.

Gregório Matoso, da F. C., fez uma interessante exposição das vantagens da organização sindical e fez um ataque cerrado aos exploradores e aos causadores do actual agravamento do custo da vida. Seguiu-se na mesma ordem de ideias Joaquim Teixeira.

No final foi aprovada uma moção dando plenos poderes à direcção do sindicato para reclamar dos industriais um aumento de salário em relação ao aumento do custo da vida, sendo ainda resolvido que todos os trabalhadores da Amora se agrupem sindicalmente.

Prevenção aos compositores tipográficos

A direcção da Associação dos Compositores Tipográficos previne todos os componentes conscientes da sua classe, de que não devem aceitar trabalho no «Correio da Manhã» enquanto o conflito ali existente não fôr solucionado.

tratar de vários assuntos importantes, entre elles a questão da C. G. T. e dos ferroviários deportados de Lourenço Marques.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa. — Reuniu-se amanhã, pelas 20 e meia horas, a assembleia geral. O assunto a tratar é de importância

POR ESTES DIAS EM FOLHETIM:

A Revolução Francesa

Uma obra admirável que todos devem ler

E' aquele o título do novo livro que *A Batalha* vai publicar em folhetins da colecção «Mistérios do Povo», por Eugene Sue.

Trata-se do último livro daquela soberba colecção, o que tem maior intensidade de acontecimentos, onde a alma popular preenhe de aspirações de justiça mais se evidencia e mais nos fala dos grandes acontecimentos renovadores que Eugene Sue soube, com a sua pena brilhante, romanizar.

Os nossos leitores que não tenham acompanhado os livros anteriores podem, sem prejuizo da obra, iniciar a leitura, visto que cada volume trata duma época histórica e constitui uma obra completa.

A pena inspirada de Eugene Sue soube encontrar nesse belo e dramático acontecimento todas as suas fases emotivas e embelezar todas as grandes scenas desenroladas em torno dum rei que encarnava a tirania e dum povo que se bateu com energia, com audácia, com sublime e abnegado heroismo pela liberdade e pela morte de grandes e iníquos preconceitos que ficaram para sempre aniquilados.

Na obra de Sue o povo atinge as alturas máximas da revolta e da justiça. Todos têm o dever de ler esta obra admirável.